

# ENTREVISTAS PRIMORDIAIS:

**DOUGLAS SANTOS**

**Ana Carolina de Oliveira Marques**

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)  
carol.geografia@hotmail.com

**Adão Francisco de Oliveira**

Universidade Federal do Tocantins (UFT)  
adaofrancisco@gmail.com

---

## Apresentação

A trajetória de Douglas Santos sintetiza parte importante da história da geografia brasileira e do pensamento geográfico. Douglas, natural de Campinas (SP), formou-se geógrafo durante o regime militar. Acompanhou e participou ativamente do movimento de renovação da Geografia, nas décadas de 1970/1980. Construiu sólidas amizades e parcerias em sua militância na Associação dos Geógrafos Brasileiros – AGB. Atuou na gestão pública e desenvolveu projetos que marcaram sua vida e produção acadêmica, com destaque às experiências nos estados de São Paulo e Amapá. Conheceu com profundidade a geografia de outros países, sobretudo Moçambique e Espanha. Hoje vive na Espanha, produz material nas mídias digitais e ministra cursos que envolvem temas como Método, Ensino de Geografia, Cartografia etc. Está prestes a lançar um vídeo-livro intitulado “O que é Geografia?”, em homenagem e alusão ao livro de mesmo título publicado em 1980, de autoria de Ruy Moreira.

Nesta entrevista, concedida em julho de 2022 em sua casa em Gijón, litoral norte da Espanha, Douglas Santos nos conta detalhes de seu encontro com a Geografia. Em seguida, a conversa se direciona para a conjuntura política brasileira e como o geógrafo enxerga os rumos que o país tem tomado. O professor elenca princípios importantes para se ler o Brasil, desde o passado ao presente. É uma verdadeira aula de Geografia!

Desejamos uma ótima leitura a todas as pessoas!

## Entrevista com Douglas

**Ana Carolina.** Hoje é dia 13 de julho de 2022 e estamos aqui no centro de Gijon, no litoral norte da Espanha. Estamos aqui eu - Ana Carolina de Oliveira Marques - e o professor Adão Francisco de Oliveira, representando a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (ANPEGE), juntos ao professor Douglas Santos.

Inicialmente gostaria de agradecer por sermos tão bem acolhidos aqui em sua casa e poder compartilhar um pouco de seu tempo e de seu conhecimento e sua vasta experiência com a Geografia brasileira e de outros países.

Bom, para começar a gente queria te ouvir um pouco sobre sua biografia, com destaque aos marcos espaço-temporais ou momentos que considera fundamentais em sua trajetória acadêmica, com ênfase no campo da Geografia.

**Douglas Santos.** Primeiro, boa tarde para vocês. É um prazer imenso recebê-los em minha casa, nesta tarde de verão, de calor. Muito bom mesmo. Agora esta questão de minha biografia, contar biografia é

---

muito difícil pois de imediato vem na cabeça muitas coisas e talvez a maioria delas não tem importância. Só tem importância para a gente mesmo. Alguma coisa que valesse a pena contar requer uma atenção às minhas memórias...

Eu nasci em julho de 1953 na cidade de Campinas, estado de São Paulo. Vivi por lá até meus 18 anos. Nessa experiência toda de ter vivido esse período em Campinas fui um aluno mediano, tinha notas razoáveis no que era o “ginásio” daquela época. Inclusive, até fui reprovado no que seria a terceira série do ginásio. Depois fui reprovado pela segunda vez e fui colocado para fora da escola. Estudei no Instituto de Educação Carlos Gomes, conhecido por escola normal. Neste momento talvez a grande experiência foi ter me tornado um leitor meio compulsivo. Sempre gostei muito de ler. Tenho uma dívida imensa com o Monteiro Lobato em relação à leitura. Primeiro livro que li que continha acima de 10 páginas, para além das cartinhas, foi “As renações de Narizinho”. Encontrei este livro ao revirar o guarda roupa de minha irmã. O encontrei e comecei logo a lê-lo. Comecei a ler e nunca mais parei. Isso foi algo interessante daquele momento. De alguma maneira, apesar de sempre frequentar a escola, sempre existia a ambiguidade entre daquilo que se dava na escola, com aquilo que estava na sala de aula, aquilo que o professor falava. As vezes, principalmente no ginásio, eu percebia que o professor falava sobre algo que não sabia, eu percebia aquilo já naquele momento, que o que certos professores falavam não conferia com o que eu já havia lido em outros livros.

Certo dia, eu querendo ajudar um pouco o professor de ciências, perguntei a ele se eu poderia fazer uma palestra sobre um livro que havia lido com o título “História das invenções” de Monteiro Lobato. O professor permitiu. Eu iniciei a palestra e fiquei por várias aulas falando sobre aquilo, no lugar do professor. Eu tinha uns 13 anos naquele momento. Então ele resolveu que eu deveria fazer aquela mesma palestra para todos os alunos do Ensino Médio. Fomos para o auditório da escola, peguei o microfone, fiquei falando como um “maluco”, mas achava aquilo muito natural, não tinha nada de ruim naquilo e nem me fazia orgulhoso. Era só uma coisa natural, interessante e que se aproxima de meu pai que também era professor. Esse é um momento de inflexão na minha vida, esse movimento de ser um leitor. O ato da leitura é um ato de reflexão, um ato para dentro, um ato de silêncio, onde o barulho imenso é dentro da cabeça da gente. Ninguém percebe o “barulho” que está passando dentro de nós.

Em 1968, as greves se iniciaram. Houve as resistências dos alunos do ensino fundamental e nós fizemos um movimento bastante importante contra a coordenadora pedagógica que tinha na escola. Bom, acho que isso colaborou um pouco para que eles me colocassem para fora.

Começa aí uma história que envolve dois caminhos que mais ou menos se entrecruzam. A presença da Guerrilha no Brasil, essa coisa da resistência; e por outro lado, a presença cada vez mais importante da Teologia da Libertação e dessa coisa como um movimento popular, essa articulação com os jovens, com a reunião dos jovens.

Por consequência, eu então segui esse segundo caminho. Apesar de não ter tido na minha família nenhuma relação com a religiosidade, achei interessante aquela articulação que envolvia os jovens, a possibilidade de discutir a sociedade brasileira neste movimento, quando eu tinha meus dezessete anos, um pouco mais talvez.

Neste momento terminei o Ensino Médio com vontade de fazer Sociologia. A possibilidade de fazer o curso de sociologia me chamou atenção. Minha professora de sociologia foi uma pessoa extremamente

---

interessante. Certo dia essa professora entrou muito brava na sala de aula dizendo que havia sido dada a ela a missão de ministrar um curso de educação moral e cívica de organização social e política do Brasil, e que a diretora da escola queria ter o programa dela com antecipação e queria saber sobre o que ela iria falar na sala de aula. Ela deixou explícito que não admitia isso de maneira alguma, portanto não iria dar aquelas aulas e nem apresentar as aulas nestas condições. Conversando com essa professora, fui para a Fundação de Sociologia e Política, em São Paulo. Saí de Campinas e fui morar em São Paulo.

Em 1973, portanto, eu estava na Fundação de Sociologia e Política, e lá eu comecei a minha vida de movimento estudantil no ensino superior. Logo a seguir eu comecei a participar da direção do Diretório Acadêmico da Fundação. Esse foi um ano bastante difícil, a morte do Alexandre Vannucchi Leme, a nossa universidade foi invadida pela polícia, nós estávamos a três quadras do Mackenzie. Ainda se rescaldava pelas ruas a luta entre o Mackenzie e a faculdade de filosofia da Universidade de São Paulo (USP). Tudo isso gerava um ambiente muito tenso, muito complicado.

Anos depois eu me casei. Com isso, as coisas começaram a se complicar muito do ponto de vista financeiro. Eu tinha que pagar a mensalidade da faculdade, a Conceição [esposa] ficou grávida de meu primeiro filho, Alexandre. Eu entrei numa rota de colisão com a Camargo Corrêa que é onde trabalhava na obra de metrô e ambos ficamos desempregados. Tudo isso foi movimentando no sentido de que eu tive que deixar a faculdade, não foi possível dar continuidade à faculdade.

Começa então o meu processo de militância e trabalho, ambos associados ao movimento na periferia da cidade de São Paulo. De alguma maneira, comecei em diálogo com o pessoal da igreja católica, mas depois tive que abandonar a Igreja Católica. Bom, eles me pediram encarecidamente para eu deixar o trabalho ou então iriam me entregar para a polícia. E assim essa coisa andou e eu comecei a militar dentro de uma organização clandestina na época que se chamava Movimento pela Emancipação do Proletariado (MEP). Nesse movimento de militância acabei decidindo que seria extremamente importante voltar para a universidade para ajudar a organizar o movimento estudantil, já estávamos em torno de 1976-77. O movimento estudantil começa a tomar as ruas. Começa aí a se tornar mais público o movimento sindical, principalmente em São Bernardo. As repressões que tinham ocorrido em Osasco em 1968, elas não se reproduziam em São Bernardo na mesma intensidade, na mesma forma. Então o movimento vai tomando corpo e surgindo lideranças como Lula, por exemplo.

Dentro do movimento estudantil começaram as movimentações nas ruas, passeatas estudantis... Houve a tentativa de retomada da União Nacional dos Estudantes (UNE) em 1977 na Universidade Católica, onde a polícia reprimiu de forma incisiva. Eu estava lá, mas consegui fugir da polícia, não fui preso neste momento. Mas, aí também iniciei uma nova fase, que foi fazer vestibular e entrar na Universidade de São Paulo (USP). Neste momento a minha relação com a Geografia era algo absolutamente distante, nenhuma quase, salvo um livro que a Conceição estudou no colégio. Ela foi aluna de um ex-professor meu de filosofia no Ensino Médio. Numa aula de filosofia, ele usou o livro Estudos de Geografia do Melhem Adas, livro publicado no início dos anos 1970. Então, a minha relação com a Geografia passava pelo livro do Melhem Adas, não mais do que isso. Não aprendi nada, pois a Geografia que foi passada na escola não me impressionava em absolutamente nada.

Fiz o vestibular para entrar na História, acho. Nem me lembro mais qual foi a ordem, havia lá uma ordem de escolher entre quatro cursos e o curso de geografia foi o último. Sei que quando conferi a lista dos

---

aprovados notei que fui aprovado justamente no curso de Geografia. Fiquei muito injuriado com aquilo. Em 1978 iniciei o curso de Geografia. Acho que tive a sorte de estar no lugar certo, na hora certa, e nas condições mais do que certas para viver junto com tantos companheiros e amigos. Nesse movimento que ficou sendo falsamente chamado de “Geografia Crítica” que o Ruy Moreira identifica corretamente como o movimento de renovação da Geografia brasileira. Acho que é um nome mais razoável. Neste momento começa minha relação com a Geografia de forma mais direta, o livro do Melhem Adas passa a ser o livro do Lacoste, *A Geografia, isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*.

Nesse momento começa todo um movimento no sentido de que as lideranças do movimento estudantil tinham que estar presentes na sala de aula, e deveríamos independentemente de qualquer coisa sermos os melhores estudantes. Não podíamos liderar um movimento se não fossemos de fato reconhecidos pelos estudantes como estudantes, como pessoas que estudam de maneira geral, como disse certa vez o Jarbas Passarinho: “estudantes deviam estudar”. Assim assumimos essa ideia de que precisávamos ser reconhecidos nesse sentido. Começa então um processo de assumir poderes, digamos, no primeiro momento a diretoria da União Paulista Estudantil de Geografia, daí construímos a Revista Terra livre. Neste momento conhecemos Ruy Moreira, o Antônio Carlos Robert Moraes, o Milton Santos que havia acabado de chegar do exílio. Assumimos a direção do Centro Acadêmico de Geografia.

E depois com a renovação e o encontro que teve em Fortaleza, no qual não pude estar presente, mas foi extremamente importante para todos. No ano seguinte houve uma mudança nos estatutos da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB). Ao final do ano de 1979 tivemos o primeiro encontro nacional de geografia em Goiânia. Nesse mesmo, então, encontro o Ruy Moreira assume a presidência da entidade como um mandato-tampão de 6 meses, cuja finalidade era construir o encontro do Rio de Janeiro. E neste momento eu passei a fazer parte dessa diretoria da AGB pela primeira vez, da direção nacional da AGB.

Começo, portanto, a construir minha dívida com a AGB, essa dívida impagável. Mas, de qualquer forma começa então esse movimento, já que a ideia é refletir sobre a minha vida na Geografia. Ela começa justamente neste sentido, de um lado está tensão importante dentro da Universidade de São Paulo. O movimento estudantil começa a expressar as suas vontades com relação às leituras dentro da Geografia. Que Geografia a gente queria aprender? Então as denúncias que foram feitas em primeiro lugar pelo Lacoste, depois o texto do Ruy Moreira, *A geografia serve para desvendar máscaras sociais*. Depois o texto *O espaço do cidadão*, de Milton Santos. O problema da antologia, o Antônio Carlos foi colocando.

Então iniciamos um movimento para que o movimento estudantil não fosse um movimento só para estudantes, um movimento estudantil que pensasse o movimento estudantil para a sociedade de uma maneira geral. E em um segundo plano, não sei se pode haver uma hierarquia nisto, que a Geografia fosse uma Geografia voltada para discutir as questões urgentes da sociedade, e não voltada para o que depois o Ruy vai dizer que a Geografia é uma ciência que fala de relevo sem gente, e gente sem relevo. Isso já marcava de alguma forma importante nossas ações. Não sabíamos bem como fazer outra coisa que não fosse aquilo que estava lá. O livro de Lacoste, ou mesmo Por uma geografia nova; ou mesmo o texto de Ruy, depois este texto do Ruy que agora está fazendo quarenta anos, O que é Geografia? Então esses textos, eles faziam denúncias, mas eles não propunham nenhuma Geografia. Não havia uma proposta

---

de Geografia ali. Talvez minimamente havia uma proposta de Geografia em textos anteriores como de Pierre Gorge, por exemplo; essa coisa da geografia ativa, por exemplo. Mas, a Geografia ativa também era mais um manifesto do que algo de ordem metodológica e tudo mais. Não era bem uma proposta de geografia.

Isso tudo nos confundia muito. Começou então outro processo, terminar a graduação e poder sobreviver. Eu já tinha uma família, tinha filho, precisava sobreviver, precisava assumir profissionalmente a condição de ser professor mesmo. Desse modo assumi como professor, um professor sempre pendurado de alguma maneira, porque não tinha diploma, era sempre uma coisa precária. Mas, fomos andando, foi esse movimento inicial de minha relação com a geografia.

Isso tudo implicou em alguns movimentos importantes. Um deles é quando eu junto com o Diamantino Pereira e Marcos de Carvalho e assumimos a tarefa de elaboração de livros didáticos, neste caso a Coleção Geografia ciência do espaço. Neste momento a ideia de construir uma Geografia que tivesse por base a ideia de espaço da produção, da circulação das ideias, aquilo que aconteceu nesta coleção, foi não só um projeto, mas uma oportunidade para se estabelecer um parâmetro sobre o qual deveria pensar e executar. Pensamos em transformar aquela ideia em um texto em que as pessoas pudessem ler e compreender minimamente. Claro que não necessariamente aconteceu tudo isso! Mas, foi uma tentativa. O segundo movimento importante foi quando eu na Universidade Católica de São Paulo e me tornei professor do Ensino Superior em 1986. Isso abriu espaço pra estudar ainda mais, para poder escrever mais. Antes disso trabalhei durante quatro anos na Escola Walford em São Paulo. Essa também foi uma experiência extremamente interessante numa escola ordenada, de outra maneira, com outras perspectivas e com uma relação com os alunos muito diferenciada. Isso me ensinou a dar aulas, eu diria, me fez como professor.

A partir daí então iniciei o trabalho na PUC, e na PUC fiquei por 30 anos. E no meio de tudo isso foram diferentes projetos. Por exemplo, o Projeto Amapá; a ideia de construir um currículo para um estado com um pequeno grupo de professores de São Paulo. Chegamos a uma equipe de 130 professores no estado do Amapá e uma penetração em todas as escolas, uma discussão em todas as escolas. Fomos profundamente criticados pelos pedagogos, criticados pelos ambientalistas, criticados por todos. Talvez por isso mesmo que eu ainda considero que aquela proposta era bem interessante, tinha toda uma perspectiva de política, uma perspectiva pedagógica.

Outra experiência, outro divisor de águas em minha carreira acadêmica, acredito que foi o fato de ter ido trabalhar em Moçambique. Isso foi como me olhar no espelho, um espelho pelo qual quando penso que ele está muito torcido, que ele retorce minha imagem, é exatamente quando ele reflete da melhor maneira. Pra explicar isso diria que é um lugar muito umbilical, onde em uma sociedade fundada na tradição oral, e eu um professor de teoria e método fundado na leitura compulsiva, na escrita e tudo mais. Então sempre um diálogo difícil, tenso, mas muito caloroso. Fiz amigos maravilhosos em Moçambique, enfim, foi outra experiência interessante de ter vivido.

Outra experiência foi minha tese de doutorado. Essa foi uma experiência importante que deu uma guinada nesta história toda.

A minha relação com a academia sempre foi uma relação ambígua, pois sempre fui muito apaixonado pela pesquisa e por trabalhar com alunos, ser um professor e tal. Contudo, isso também sempre criou

---

muitos dilemas e muitas dificuldades. Me lembro que a minha dissertação de mestrado sobre o imperialismo e o estado, ela foi muito difícil de ser defendida, fui ameaçado de ser reprovado, foi todo um debate bem grande com um dos os membros da banca. A minha tese de doutorado acabou resultando em tensão extremamente importante entre eu e Milton Santos. A defesa foi uma defesa catastrófica que acabou levando a uma ruptura de uma relação que duravam tantos anos. Apesar de eu nunca ter assumido, digamos assim, a obra de Milton como um parâmetro para mim, pois do ponto de vista político, metodológico e filosófico o meu caminho é outro. Mas, sempre achei que havia um respeito mútuo extremamente importante e tenso ao mesmo tempo, portanto produtivo. Mas, na defesa de doutorado acho que tudo isso se desfez e nós acabamos rompendo nossas relações, o que foi uma coisa bastante difícil, mas importante.

Depois disso tudo cheguei aqui na Espanha, vim para outro país, conhecer outras pessoas, aprender outras coisas da história da Geografia, outras leituras, outras possibilidades. Não estou dizendo que concordo com elas, o que estou dizendo é que ao serem expostas, elas me colocaram perguntas que ainda não havia feito. Então, vim aqui para aprender.

Depois de algum tempo, acabei diante do fato de que o departamento de Geografia da PUC fechou, nesse momento já havia aposentado, fui trabalhar como professor convidado na Universidade Federal de Grande Dourados (UFGD), fiquei dois anos lá. Depois disso, então, me aposentei no sentido de que havia um risco muito grande de acabar frente à televisão vendo telenovelas. Logo, acabei resolvendo me mudar para a Espanha, nós sentamos, conversamos em casa e acabamos chegando aqui, estamos aqui há cinco anos, tentando aprender um pouco o que significa tudo isso.

Em linhas gerais é isso. Espero que tenha ajudado a compreender essa história toda.

**Ana Carolina.** Bom, agora queremos mudar um pouco de assunto e de escala. Gostaríamos de saber como você tem visto o Brasil no atual contexto, uma espécie de análise de conjuntura.

Falar aquilo que todos falam, ou, ao menos, uma parte considerável das pessoas falam, que é falar mal de Bolsonaro, isso não ajuda em absolutamente nada neste momento, não é mais a questão. O que talvez a valesse a pena falar do Brasil além das condições precárias de vida, do fato da miséria está se propagado de uma forma perniciosa, extremamente perniciosa, e que em um contexto de resistência da extrema direita na América Latina, o Brasil se tornou o “bastião” de resistência frente ao que aconteceu, por exemplo no Chile, na Argentina, na Colômbia, no México.

Ser de esquerda na América Latina é algo relativamente simples, não é necessário de muito esforço. De qualquer maneira, acho que pensando em termos de Brasil, podemos afirmar que o Brasil vive no limite esta ambiguidade entre ser um país com quase 90% da sua população urbanizada, sem ter resolvido de forma nenhuma a relação de seus trabalhadores, da sua força de trabalho com alguns dos fundamentos da economia, que é essa questão agrária e, portanto, sem ter resolvido a questão urbana. O Ruy aponta isso de uma forma extremamente importante, que é a ideia de ter ocorrido uma concentração urbana no Brasil extremamente grande sem que a urbanidade tenha sido construída. Então o que nós temos é uma população ainda com uma cultura muito vinculada ao agrarismo com relações à valores, possibilidades, entendimentos em uma perspectiva de subserviência muito associada às relações agrárias, também uma elite muito associada ainda, alguns inclusive, com discursos escravistas. Alguns ainda olhando para a

---

floresta amazônica como se fossem o Pedro Álvares Cabral chegando numa floresta tropical e planejamento o modo como se faz para derrubar tudo e transformar em riqueza para a metrópole.

Neste sentido, a ambiguidade do Brasil é viver uma estrutura produtiva extremamente moderna, com uma capacidade tanto do ponto de vista agrícola quanto do ponto de vista das suas fábricas e de seus grandes centros urbanos sofisticados, digamos assim, mas ao mesmo tempo com mediações do âmbito político e cultural, do ponto de vista de sua relação com a urbe, com a cidade, com a existência da vida das pessoas de uma forma que por não se encaixar, porque é uma coisa não se encaixa com a outra de uma forma tão clara, se torna uma fonte inesgotável de violência, de uma violência que não é somente uma violência do ladrão, do assassino, do miliciano bolsonarista ou seja lá o que for, mas uma violência dos indivíduos contra si próprios.

Em 1970 quando eu militava no movimento de bairros, percebia claramente essa coisa da violência, a maneira como a estrutura fundiária de uma cidade como São Paulo ia expulsando as pessoas para muito longe para que essas pessoas começassem a reivindicar a presença de transportes coletivos, de asfalto, de moradia. Então quando isso acontecia essas áreas vazias entre a área já urbanizada e a nova área multiplicava de preço de uma forma mágica, praticamente com uma ação de estado, então tudo isso envolvia uma acumulação brutal e acelerada do capital, tanto da construção civil quanto capital de mobiliário. Cada vez mais essa população nos trens dos subúrbios do Rio de Janeiro, nos trens dos subúrbios de São Paulo tinha que andar do dependurado do lado de fora, pois os trabalhadores chegavam atrasados no trabalho. É uma violência à qual você se subordina, à qual você se coloca num processo de naturalização, como se tudo aquilo fosse assim e não tivesse como ser de outra maneira. Então de lado a ideia de que somos um povo cordial, como diria o Sérgio Buarque de Holanda, mas de outro lado essa nossa cordialidade que se expressava, por exemplo, quando eu morava na Vila Maria em São Paulo, eu ia pegar o ônibus e o ônibus sempre lotado, muito lotado e eu estava lá com a marmita na mão, mas tinha que pega o ônibus de todo jeito. O ônibus parava, aquele monte de trabalhadores dependurados do lado de fora, aquelas pessoas já pegavam a minha marmita e me colocavam para dentro, alguns me seguravam para eu poder fazer parte daquilo e poder ir trabalhar. Logo, de alguma maneira éramos solidários na miséria. Isso era uma coisa que eu acho que existe até hoje, a miséria cria o seu campo de solidariedade, mas ao mesmo tempo essa solidariedade, ela é impeditiva em determinadas situações a que você se organize do ponto de vista político, para que você possa resistir de fato. Você resiste enquanto ato do cotidiano, mas não como um projeto de vida.

Quando eu entro na Geografia, nos anos 1970, o que acontece é que quem vai dominar o imaginário brasileiro é a reivindicação do movimento sindical, é a ideia ter emprego a renda, ideia de sobreviver, ideia de fazer com que o capitalismo sobreviva da melhor maneira possível para que o trabalhador possa sobreviver. Então esta ambiguidade, digamos assim, ela é base da luta política do Brasil desde 1970 quando o movimento sindical, muito diferente do movimento de 1917, muito diferente do movimento anarquista, ele irá tomar as ruas de uma forma extremamente importante, organizando, assim, o imaginário político do Brasil.

Com efeito, tendo isso como referência, quando chegamos agora à essa altura, desse golpe parlamentar contra a Dilma, estes grupos basicamente mafiosos que se reúnem, eles não pertencem, mas eles se reúnem no Congresso nacional, dividindo, disputando poderes, verbas, possibilidades, imunidades. Esses

---

indivíduos são verdadeiros chefes ou membros de grupos mafiosos que vão articular de alguma maneira o esvaziamento de todo o projeto sindical. Ao esvaziar esse projeto sindical acabam neste movimento todo derrubando a Dilma em 2016. Isso foi, digamos, o momento de inflexão de uma conjuntura que já vinha se construindo desde a metade do segundo mandato do Lula, aproximadamente. Neste sentido, neste contexto de resistência da direita no Brasil, vai se fazendo e tendo como vítima pessoal, digamos assim, uma pessoa que se mostrava muito capacitada para ser esta vítima que era a Dilma. Com toda a sua dificuldade, a sua fala confusa, a sua incapacidade de ser uma liderança de massa. A Dilma não é um chefe de Estado como o Lula. O Lula é um estadista, a Dilma não é uma estadista. A Dilma é uma burocrata, digamos assim, com toda uma perspectiva política que ela possa ter, mas enquanto marco de execução do poder, e de ordenação do poder, está muito mais envolvida com a burocracia do que com qualquer outra coisa. Isso aparece no formato de Belo Monte, isso aparece no formato de um monte de outros problemas que acontecem no Brasil. E todos esses problemas são esvaziadores do movimento popular. Isso é uma coisa interessante. Quando pensamos, por exemplo, no esvaziamento no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) que diminuíram a pressão sobre a questão da terra e, podemos dizer, deixa mais tranquila a “casta latifundista” que existe no Brasil. Há essa casta no Brasil, é mais do que uma classe, pois além do pertencimento de classe, ainda do ponto de vista cultural se vê como uma casta, como alguém intocável e tudo mais, o que não é uma perspectiva típica da burguesia. Desta maneira, o Brasil vai se construindo neste momento este movimento que se esvazia do ponto de vista da relação com o Estado, digo como reivindicação. Os movimentos populares perdem suas grandes lideranças, que vão se transformando em grandes funcionários da máquina de Estado. As cidades continuam se ampliando, e essa ampliação das cidades cria também demandas extremamente importantes do ponto de vista cultural, estas demandas vão ser supridas não mais pela teologia da libertação, não mais pela esquerda de maneira geral, mas sim, vamos ter a difusão generalizada das igrejas pentecostais e coisas desse gênero que vão ter um papel extremamente relevante para esse indivíduo solitário que fica lá quatro, cinco horas por dia dentro de um ônibus. E esse sujeito vai ser chamado de irmão por alguém, vai ter possibilidade de ter uma esperança de que seu filho deixe de ser um drogadito, do seu marido sair da cadeia. Então, assim, as misérias humanas começam a ser gestadas e criam vínculos no campo de uma sociedade fundamentalista cristã, esse fundamentalismo cristão irá tomar conta dessas relações de como o chamado movimento popular se posiciona dentro do Brasil.

Quando você junta uma situação com a outra você tem o Bolsonaro como uma figura que se autoescolheu, que foi escolhido por essa aristocracia brasileira. Ele é um azarão deste processo. Eu acho que de alguma maneira essas figuras, esses grandes latifundiários, estes grandes banqueiros, este pessoal todo, eles tinham a necessidade de criar outras lideranças, mas não conseguiram fazer isto. A presença do Lula e a presença do Partido dos Trabalhadores sufocou a possibilidades de lideranças no campo da social democracia, inclusive. Por conseguinte, a presença do Bolsonaro é uma presença quase messiânica, ele aparece como um fenômeno messiânico no campo desta discussão das periferias urbanas que precisam necessariamente de Messias de todos os tipos.

Uma coisa que aprendi em Moçambique e que me parece fazer parte do mesmo perigo é o fato de que uma das avenidas mais importantes da cidade de Maputo, ela tem o Congresso nacional em determinado lugar, um pouco adiante, no outro lado da avenida, um templo imenso da Igreja Universal do Reino de

---

Deus; depois, ainda mais adiante, o quartel geral das forças armadas. Tudo isso na mesma avenida. Isso é interessante, essa articulação entre este campo da cultura e o domínio do poder de estado.

Agora, o outro lado da história é o que neste processo de imigração provocado pela guerra civil moçambicana, você tem, então, dentro das cidades, tal como no Brasil, uma população que tem as suas raízes na aldeia e não nos grandes centros urbanos. Então o moçambicano precisa desta relação com o místico, ele precisa desta relação inclusive afetiva. Só que frequentar os “feiticeiros” nos centros urbanos é uma coisa meio ruim. O que interessa, portanto, é colocar um terno, colocar uma gravata, colocar uma bíblia debaixo do braço e ir fazer exorcismo no templo da Igreja Universal do Reino de Deus, onde essas coisas acabam se constituindo enquanto um amalgama muito importante.

Isso ocorre também no Brasil, essa tensão está no país. Veja ainda na época do Lula, em que seu governo comprava produtos de produção familiar para distribuir para populações de baixa renda. E quem fazia a regulação entre esse dinheiro, esses produtos e essas populações de baixa renda, em muitos casos foram os pastores das igrejas. Isso os tornaram a cara, a evidência deste processo de organização política. E tudo isso são questões importantes que nos leva à conjuntura de hoje. Isto é, a impossibilidade de resistir os movimentos populares no Brasil não conseguiu resistir a Bolsonaro, não conseguiram resistir à direita e só viram na própria máquina de estado, na própria lógica que coloca o Bolsonaro no poder, a possibilidade de tirar o Bolsonaro de lá, isto é, estamos todos aqui neste momento de mãos postas, de joelhos no chão tentando rezar pelo resultado de uma eleição. Isto é, não vemos outra alternativa a não ser a própria máquina de Estado enquanto uma saída de tudo aquilo que foi construído nos últimos trinta e quarenta anos. É uma conjuntura perversa em todos os sentidos, seja do ponto de vista da população Brasileira enquanto analisamos a estrutura da escola, a questão da saúde, o problema do covid-19 e tudo o que aconteceu com essa pandemia e os truques todo, este jogo todo que ocorreu na pandemia, a questão indígena, a questão das sexualidades, das identidades. Tudo isso foi se colocando como um campo de fuzilamento generalizado e não houve a possibilidade de resistir, não houve como, pois tudo isso nos pegou muito desprevenido, muito desmontados. Isso realmente coloca para essa conjuntura um ponto de interrogação que é difícil de responder. Hoje quanto estamos discutindo, não conseguimos discutir as eleições sem discutir a possibilidade de um golpe. Se a gente não consegue discutir uma possibilidade se não discutir a outra. Neste sentido, falar da fragilidade de uma figura como Bolsonaro e do esvaziamento desta relação dele com as forças armadas brasileiras, mas, ao mesmo tempo, esta articulação visceral, cultural que envolve as milícias, que envolve as polícias, que envolve quem está armado neste momento. Sendo assim, a conjuntura brasileira é trágica.

Nós estamos vivendo uma tragédia, não uma tragédia como foi a guerra civil espanhola, mas, é uma tragédia pior que do a que envolveu o golpe de 1964, pois o golpe de 1964 não foi um golpe de massas, mas o golpe do Bolsonaro foi golpe de massas, milhões de pessoas se envolveram nisto, a imprensa se envolveu nisto, ela é absolutamente responsável por esta tragédia. De alguma maneira parte da intelectualidade está envolvida nisto. Hoje em dia departamentos de educação, departamentos de formação de professores no Brasil já começam a se reunir tendo a base nacional comum curricular como parâmetro de discussão. Isso é dizer que parte da própria intelectualidade brasileira é subserviente por presunção. Numa conjuntura como essa fazemos o que exatamente? Sem dúvida nenhuma é que a resposta eu não sei. Acho que precisamos imaginar algo em torno de trinta, cinquenta anos pra frente e retomar esta con-

---

dição de organização política pública, enquanto exercício, este exercício de ter poder, o exercício que as comunidades devem ter para ter poder de gestão da escola, do posto de saúde, do bairro, das relações sociais, pois não é possível que nós sejamos um povo no qual a relação com o poder seja simplesmente a subserviência. Neste sentido, este movimento de reeducação que nós precisamos de nós mesmos. Nós precisamos mais do que livros, nós precisamos nos reunir, precisamos de solidariedade, precisamos estar junto com as pessoas e precisamos construir um projeto de sociedade que nós não temos. O que temos são palavras de ordem, a questão do socialismo, os comunistas. Mas, entre eu me assumir como um homem de formação no campo do marxismo não quer dizer que tenhamos um projeto de sociedade, só quer dizer que nós temos algumas ferramentas para o entendimento do mundo, mas nada muito além disso. Enquanto não reunirmos as pessoas não tem projeto possível, e essa reunião das pessoas não é dentro do Congresso, não é nas Câmaras de deputados, não é na Câmara de vereadores somente, essa reunião de pessoas é na rua, é nas praças, é nas igrejas. Nós temos que retomar a possibilidades, é dentro das escolas é extremamente necessário. Certamente isso envolve a necessidade de construção de um projeto de sociedade.

**Adão Francisco.** Douglas, nos dê um desenho da Geografia brasileira, do discurso geográfico brasileiro. Como é que nós podemos perceber neste discurso as tendências, as influências.... O que é a Geografia brasileira?

**Douglas Santos.** Acredito que a Geografia brasileira, de alguma maneira, ela é a cara disso tudo que eu falei sobre a conjuntura brasileira. Ela não é muito mais do que isso, nem muito menos. Ela é uma das expressões deste processo que interpretamos. Logo, quando n's pensamentos nesta Geografia, neste discurso geográfico, vamos chamar de discurso geográfico, pois a Geografia brasileira é a Geografia do Brasil, outra coisa é o que nós falamos sobre essa Geografia. São coisas diferentes. O que me parece é que de certo modo desesperadamente este movimento de renovação da Geografia que ocorreu no final dos anos 1970, início que anos 1980, ele vai acontecer no interior deste movimento que vivíamos para tentar derrubar a ditadura militar naquela época. Mais do que isso, nós estávamos tentando imaginar a possibilidade de que o conhecimento científico no geral e a Geografia especificamente estivesse a serviço dos movimentos populares, estivesse a serviço desta perspectiva de sociedade, da ideia de construir um projeto de sociedade e seja lá o que for. Neste sentido, acredito que todo esse movimento vai ter alguns frutos interessantes, e alguns difíceis de se resolver. Um deles, a primeira questão, é que os discursos que envolveu principalmente a esquerda, neste momento, ele tinha um caráter um tanto quanto maniqueísta. Ele trazia determinado chavões, inclusive do ponto de vista linguístico, que poderiam ser, se tivessem sido especificados, categorias de análises importantes. Mas, da forma como eles se tornaram palavras, repetições sem que isso explicitasse no ponto de vista do significado, na verdade eles resultaram em uma espécie de esvaziamento conceitual.

Acredito que se formos buscar as raízes do que é o hoje o discurso da Geografia, talvez pudéssemos imaginar o seguinte, que essa guinada no campo do materialismo para dentro da Geografia, ela se faz em nome de uma metafísica. Isto é, ela carrega consigo um certo tipo de idealismo. O que quero dizer com isto? Quero dizer que no final das contas algumas questões fundamentais, fundamentais, principalmente

---

no campo do estruturalismo e do positivismo clássico, a Geografia vai se desdobrar no sentido de falar ao mesmo tempo de classes sociais e ao mesmo tempo associar essas classes sociais a determinadas categorias que são categorias da metafísica, como a questão do espaço. Ou daqui a pouco, quando você pega o governo do Lula, por exemplo, é interessante, pois uma parte do discurso geográfico, e tenho a impressão que pela via da Sociologia, talvez, assumiu quase que todo o discurso de Estado, no qual tudo era território, parecia a palavra mágica que envolvia tudo.

Neste sentido, algumas questões vão se destacar. Em um primeiro momento a ideia da chamada Geografia cultural. Essa foi uma questão que apareceu numa contraordem àquilo que a esquerda tinha proposto. Por quê? Porque o que se identificava é que esse discurso que nós construímos ao final dos anos 1970, ele não trazia consigo o problema da subjetividade humana. Então, o problema da subjetividade não aparecia no discurso das estruturas. Aparentemente ela ficou perdida, não foi porque naquelas categorias não estava contido isso, é que aquelas categorias não foram explicitadas. Então, isso tudo transformou esse discurso em um discurso frágil. Logo, a ideia de uma Geografia cultural, a busca dessa subjetividade, essa coisa toda se desdobrou em um conjunto de possibilidades, algumas delas riquíssimas como a ideia de mapa mental. Não necessariamente por ser uma categoria bem resolvida, até porque todo mapa é mental, isso não é o problema. Mas, a ideia de que os mapas que as pessoas fazem, independente de serem engenheiras cartográficas, também são mapas, e também regulam esse processo de apropriação do indivíduo com os lugares, as suas relações, as suas hierarquias, o seu trabalho. Dessa maneira, dentro deste contexto todo que envolve a chamada Geografia cultural e a retomada da subjetividade, há um conjunto de outras questões que começam a apontar, apontar não só para a Geografia. Começa a apontar como um movimento popular, como um problema das identidades, dos ativismos de uma maneira geral. Assim, é como se o mundo se solucionasse no campo da luta feminista para muitos, não estou dizendo que o feminismo é isso, pois seria ridículo de minha parte falar uma coisa dessa. Mas, uma parte desse discurso é um discurso cujo objetivo é a exclusão do outro. Uma outra parte desse que envolve, por exemplo, a questão da colonização, decolonização, coisas deste gênero como a questão do negro, essas questões. Quando alguém afirma que eu não tenho a possibilidade de falar sobre aquele tema como a questão do negro no Brasil, pois não sou negro. A questão é que eu não posso falar do outro, então somos cientistas que não temos possibilidade de falar sobre outras coisas que não sejam do nosso próprio umbigo. Como que faço ciência se eu não falo sobre a minha externalidade? Se eu entro nesta contradição com aquilo que é o outro. A questão de que eu não posso falar sobre a questão da mulher por ser heterossexual. De onde vem esta ideia? Não posso falar sobre as crianças, não posso falar dos meus filhos, pois já não sou mais criança. É isso mesmo? Eu não posso falar da rocha, pois não sou rocha? É isso? Onde está esta questão da externalidade? Qual o papel da ciência e do conhecimento?

Logo, daqui a pouco começa a surgir palavras de ordem que são no mínima complicadas, como, por exemplo, a ideia de uma “epistemologia do sul”, como se realmente epistemologia tivesse uma roda dos ventos, como cheguei a escrever um texto sobre isso. É isso mesmo? Será que por estarmos no sul do Planeta eu penso de forma diferente? Ou o problema está na maneira como as contradições de uma sociedade se realizam de fato na vida das pessoas? Do que estamos falando? Em que medida isto é uma ferramenta de construção de uma ideia de sociedade com condições objetivas de superar esta em que estamos agora.

---

Fomos construindo dentro da Geografia uma série de coisas mais ou menos nesta direção. No primeiro momento a mística da mundialização, no outro momento a ideia de que estamos em um período técnico-científico-informacional, como disse Milton Santos; ou então a ideia de que tudo virou espaço e a Geografia deixa de ter sentido. Começa-se, inclusive, a imaginar a possibilidade de se criar uma espacialidade como se fosse possível transformar o objeto em um conjunto de ordenações, em um estatuto epistemológico.

Por consequência, essas fragilidades, esses discursos frágeis, esses discursos que se desmontam com muita facilidade e pretencioso, extremamente pretencioso. As pessoas vão violentando as outras em sua pretensão de serem sábios. Isso é uma coisa terrível que vai envolver a academia brasileira de uma maneira generalizada. Quando falamos das dificuldades do discurso geográfico, do esvaziamento, das dificuldades de se retomar o papel de uma AGB, por exemplo, dentro do Brasil. Não só da AGB, também do movimento sindical de um modo geral, de todos os movimentos que representam qualquer identidade.

A questão é que o discurso da Geografia, ele vai expressar a dificuldade da nossa sociedade. E essa dificuldade, a Geografia ou o discurso geográfico, vai expressá-la no formato das relações e das dificuldades que estão colocadas dentro da academia, da gestão do poder acadêmico, do formato então de determinados caciques dentro do Brasil, teria um controle da distribuição de bolsas, dos processos de pesquisa, dos grupos de pesquisa. Veja o que acontece na própria história da ANPEGE, na própria história da AGB e como que esses grupos começam a se autoidentificarem, como se pudessem alimentar a si próprios. Então, esse jogo, a inexistência das contradições que tínhamos ao final dos anos 1970, onde todos se expunham a todos. Essa coisa de que todos nós estávamos expostos a todos, e podíamos sofrer crítica de todos, desde alunos do ensino médio se quisessem fazer perguntas.

Mas, tudo isso vai virando uma coisa sob o controle da academia, a produção acadêmica do Brasil virou um monte de artigos, não vale a pena você escrever um livro. Um livro dá muito trabalho e não pontua no currículo lattes. Enquanto como faço a produção de um discurso geográfico que desliza sobre o gelo, que não mergulha, pois ele não pode ter trezentas ou quatrocentas páginas, ele só pode ter trinta ou vinte. Neste sentido, este jogo que envolve a academia brasileira envolve a nossa geografia. E eu não diria que esse é o nosso calcanhar de Aquiles, é o nosso corpo de Aquiles, nós estamos muito fragilizados. Quem é que nos reconhecem além de nós mesmos? Diferente do final dos anos 1970, começo dos anos 1980, onde buscávamos nos justificar e nos legitimar junto aos professores do ensino fundamental e médio. Agora minha pergunta é, quem é que nos reconhece? O que estamos buscando, quem são as pessoas que para fora da academia se agrega, para fora dos concursos acadêmicos, para fora do poder acadêmico se agrega em torno da geografia, de fato. Então, assim, acho que essa é uma situação trágica, tão trágica quanto o Brasil.

**Ana Carolina.** Você, no resumo que fez de sua biografia, disse um pouco do trabalho que desenvolveu aqui na Espanha e vocês está morando aqui há cinco anos. Pois bem, a gente tem visto algumas semelhanças da realidade espanhola com a realidade brasileira no que se refere à ascensão ou a esse descortinamento de grupos fascistas, neonazistas. Então, queria que você fizesse para nós, na medida do possível uma comparação entre essas situações, estas realidades de ascensão e emergência de grupos fascistas e qual seria um dos desafios dos geógrafos ou da leitura da geografia e a da atuação dos geógrafos frente

---

a este contexto?

**Douglas Santos.** Bom, pensar neste paralelismo entre o Brasil e a Espanha, ou o paralelismo entre a União Europeia e o Brasil e tal é uma coisa um pouco perigosa se a gente fizer isto de uma forma muito linear. É como nos imaginarmos o problema da crise de 2008, como ela se expressa de uma maneira geral no mundo ou como o continente africano viveu isso, e o continente latino americano viveu isso, e o que aconteceu na Europa. Outro exemplo agora, uma coisa é imaginar essa questão da pandemia, o que acontece quando o trabalhador fica um tempo desempregado na Europa, e o que acontece quando fica um tempo desempregado no Brasil, isso são coisas diferentes. Pode parecer, do ponto de vista estatístico, algo muito semelhante, mas não é assim. A pequena burguesia, a classe média no Brasil, nota-se que ela tem muita gordura para queimar antes que comece a queimar a carne. Existe uma poupança geral nessa economia que torna isso tudo muito diferente. Há uma questão importante, a presença da União Europeia, a presença da moeda única. O fato de que esses orçamentos estão a serviço de garantir a unidade da União Europeia, evitar outros *bracks* e coisas desse gênero. Então tudo isso vai colocando diferenças substanciais entre o que chamamos de Brasil e o que chamamos de Espanha.

Há uma outra questão que é o como a contradição política se realiza na Espanha. A Espanha neste momento ainda vive as veias abertas do franquismo. Diferente das veias abertas da América Latina daquele livro tão maravilhoso do Eduardo Galeano. Mas, as veias abertas do franquismo seriam o que? Seriam, assim, primeiro ainda encontramos pessoas aqui cujos pais, tios avós e tudo mais foram assassinados pelos falangistas. Em resumo, a guerra, uma guerra que teve vários quartéis em vários momentos. Um primeiro momento foi a ascensão do Franco, este foi um dos momentos da Guerra, que não é a guerra propriamente dita, mas que começa uma repressão brutal e é exatamente ela que constrói a escadaria e todos os seus degraus para que este ser se tornasse o que se tornou. Aqui mesmo em Astúrias, estou lendo agora um texto do Camus sobre a revolta dos operários aqui em Astúrias, uma peça de teatro escrita pelo Camus. Muitos dizem e alguns historiadores também falam no Brasil, chegam a chamar esse movimento que aconteceu aqui em a Comuna de Asturias, em homenagem a Comuna de Paris e tal. E foi algo brutal, centenas e centenas de assassinatos. Guernica foi outro movimento dentro deste movimento, quer dizer, você transformar uma pequena cidade ao norte da Espanha, justamente no país Basco em um centro de experiências da aviação nazista antes que ela comece a bombardear o resto do mundo no formato da segunda guerra. Simplesmente chegaram os aviões e vamos ver como funcionam, e começaram a lançar um monte de bombas. Esse foi um outro movimento deste processo de se abrir feridas que não são curáveis. Logo depois teve o problema com a Catalunha e ascensão efetiva da guerra, a batalha do Ebro, onde as esquerdas e o exército internacional, digamos assim as milícias internacionais perdem a guerra e vão fugir para a França, chegam na França são todos colocados em campos de concentração. Tudo isso vai envolvendo uma loucura. E o processo de repressão do franquismo depois que a “guerra acaba” e no interior disso começa a segunda guerra mundial, de fato, envolvendo Alemanha, França, Polônia, Rússia e tal, mas assim, neste movimento todo o que acontece é que essas milícias vão de casa em casa e vão pegando as pessoas, então até hoje com uma facilidade que é surpreendente ainda se encontra ali e ali cem, duzentos corpos de pessoas que foram fuziladas, simplesmente crianças, estão lá e são parentes dessas pessoas que estão vivas hoje aqui. E muitas delas em um pacto de silêncio, como Javier Marias,

---

um escritor espanhol extremamente importante, escreveu certa vez em um de seus romances dizendo justamente isto, o como que essa aristocracia espanhola pactua com o silêncio para poder sobreviver com o outro, pois sabe que o outro, assim como no Brasil, é um “bolsonarista”, o “bolsonarista daqui” ou franquista. E como você vai conviver com ele? Porque ele é teu parente, sabe. Isso, de alguma maneira, vai criando feridas dentro da Espanha como criou e está criando no Brasil. E nós não sabemos qual será o resultado disso.

**Ana Carolina.** E aqui na Espanha isto foi tirado a limpo?

**Douglas Santos.** Não, ainda não. Há uma semana, aproximadamente o governo central da Espanha, que está nas mãos da esquerda, da social democracia espanhola, o Partido Socialista Operário Espanhol, eles chegaram a um decreto restabelecendo o processo de garantir as pesquisas relacionadas a essa memória histórica. Mas, quando eu cheguei na Espanha, um dos grandes embates é que o próprio corpo de Franco estava enterrado em um memorial dos que foram mortos pela guerra, das vítimas da guerra. De alguma maneira tirar o Franco de lá foi uma luta imensa dentro deste país. Ele hoje já não está mais neste museu imenso. Tirar o corpo dele de lá foi um ato complexo.

Muito bem! Vou tentar costurar uma coisa com outra, pois esta pergunta é complexa demais.

Veja, quando pensamos neste sentido, estamos pensando no que? Que tanto em país quanto no outro, existem resistências à direita, mais ser de direita no Brasil não é a mesma coisa que ser de direita na Espanha. Assim como determinadas questões que envolvem desde a empregada doméstica no Brasil, desde o trabalhador no campo, desde a questão do acesso à terra, do acesso a comida, da necessidade de ter um salário quando está desempregado, que parecem no Brasil concessões do Estado, quando você recebe isso é como se o presidente da república estivesse dado um presente, sabe como é? Aqui isso não existe mais, ou pelo menos neste nível. Então o que acontece? Ser de direita na Espanha envolve você tentar recuar direitos que já foram conquistados, e muitos deles já estão muito bem consolidados. Estar dentro da Espanha é estar dentro de um país no qual qualquer mulher, qualquer mulher, a partir dos seus 16 anos, se engravidar e não quiser ter o filho ela tem o direito à saúde pública, e tem o direito ao aborto e ela não precisa da autorização nem de pai, nem de ninguém, é uma decisão dela. Então quando você chega em um país neste sentido você não está falando de Brasil, está falando de outro lugar. E quando você pensa na direita se contrapondo a essa condição, você está falando de um outro tipo de luta e resistência, não é a mesma coisa. Então quando falamos que existe um avanço do fascismo no mundo, isso existe, mas ele aparece no Brasil de um jeito, ele parece na forma do grande proprietário de terra, do grande latifúndio, na invasão da Amazônia por predatórios, no enfrentamento da pobreza no sentido de eliminar a pobreza matando os corpos dos pobres. Esse é o sentido dessa história, muito diferente do que nós estamos vendo que é a direita aqui, salvo, claro, quando nós começamos a imaginar e começar a repercutir dentro da Espanha, de Portugal, da França, da Alemanha etc., algo como a guerra da Ucrânia. Essa é uma relação que está estreitamente vinculada ao avanço da direita nos Estados Unidos e ao desmonte, digamos assim, do modelo deste jogo de xadrez, onde é que estas peças do tabulário estão e qual é o papel, então, de um lugar como o Japão, de um lugar como a China, de um lugar como Dubai; ou da Rússia, de Moscou... e qual o lugar e papel da União Europeia, qual o papel dessas forças armadas, o

---

que aconteceria se eu com a indústria armamentista com este movimento todo aqui dentro da Europa, a Europa praticamente, dentro da União Europeia, ela não enfrenta uma guerra há décadas. Assim, ela não tinha esta necessidade de comprar tanta arma e volta a ter, e volta a estimular o desenvolvimento da indústria armamentista, e volta a ter como parâmetro a destruição generalizada da infraestrutura produtiva em nome de uma questão chamada meio ambiente. Então, em 2035 já não poderá produzir automóveis a combustão dentro da Europa. A pergunta é: o que vai acontecer com estes milhões e milhões de automóveis que circulam pela Europa? É a destruição dessa massa imensa de mercadorias com o objetivo de reproduzir o capital em outro patamar, isso em nome do meio ambiente. Essa é de alguma maneira a forma como esta direita assume para si um discurso que tem um caráter social democrático, e essa é a ambiguidade disso. Nós vamos negar neste momento que o aquecimento global existe? A outra coisa é, é este o caminho? Esse caminho vou traçado antes de mais nada pela Margaret Thatcher há décadas na luta contra os mineiros no Reino Unido. Então como é que é isso, onde este imbróglio vai se resolver? É justamente em função disso que estamos pensando esta questão da direita no Brasil. A direita no Brasil vai viver a ambiguidade da ambiguidade. Ela vai viver o problema da estrutura produtiva em um contexto de uma relação entre o capital financeiro, o capital rentista de uma maneira geral, e o capital da terra, isto tudo que envolve o problema da grande produção água exportada, as commodities de uma maneira geral. Esse jogo cria um tipo de elite no Brasil altamente sofisticada com um discurso extremamente retrógrado. Isto é pesado!

Nesse sentido eu diria que as duas realidades se entrecruzam, apenas nesse sentido. A forma como esta crise aparece nas ruas, em cada lugar, é completamente diferente. Não se pode confundir a crise brasileira, as pessoas atacando caminhões de lixo para ter alguma comida, comprando osso. Enfim, situações que se via como dado de realidade durante a segunda guerra mundial, mas que a Europa desconhece neste momento, quer dizer, voltou a conhecer nos Balcãs, por exemplo, com os conflitos; a questão da Sérvia, a questão da Croácia. Mas, neste momento isso é uma inviabilidade que começa a aparecer na forma da Ucrânia neste sentido, mas que ainda não chegou aqui na Espanha. Isso chega aqui na forma de uma inflação. Neste momento a Espanha vive uma inflação de dez, onze por cento ao ano, uma coisa, assim, descomunal comparado aos padrões locais. Tudo isso vai fundindo, mas ao mesmo tempo vai mostrando, vai estabelecendo essa unidade no diverso, o como a sociedade capitalista organiza, onde está a sua estrutura e o como ela consegue capturar para dentro dela a diversidade das relações em cima de um mesmo processo, mas que vai aparecer em cada lugar de uma maneira muito diferente. É impensável algo como um Bolsonaro na Espanha neste momento, é impensável, mesmo que tenhamos aqui o avanço de organizações como o VOX, que vai tomando lugar, mas que já está começando a perder força, quer dizer, nestes últimos dias o governo espanhol deu um golpe midiático com o problema da crise, retoma a popularidade, seu vínculo, as suas alianças com uma esquerda um pouco mais radical, como o PODEMOS.

Então, assim, de alguma maneira acredito que a questão do fascismo avança de forma importante. O exemplo inglês, o exemplo das grandes empresas de formação de opinião, o uso da internet, o uso das *fake news*, essas coisas todos tem um caldo de cultura que permite que tudo isso ferva de forma favorável a direita tanto na Espanha quanto no Brasil, quanto nos Estados Unidos, quanto qualquer lugar do mundo. Logo, o que nós temos é um avanço da direita. Não podemos imaginar que o simples fato de

---

governos de esquerda assumirem o poder de alguns países latino-americanos é um avanço da esquerda, isso não é verdade, isso é um engano. O que nós temos na verdade é um avanço da direita e uma parte considerável da esquerda assumindo discursos de direita. Infelizmente é isso o que nós temos.

Quando você pega um indivíduo que é um chefe de Estado de um país como os Estados Unidos e chama outro chefe de Estado, que é o Putin, de um país do tamanho da Rússia e o chama de assassino, você está procurando alguma coisa. Não estou dizendo que ele não seja, estou dizendo que você está procurando alguma coisa, não é. Quando um ator de televisão vira um grande herói, um herói manipulador, pois ele vai falar no Congresso americano ele lembra do 11 de setembro, ele vai falar no Congresso italiano ele vai lembrar sei lá do que; na Espanha vai falar no Franco. Em cada lugar ele fala de uma coisa, ele tem uma palavra chave e é aplaudido por deputados de todos os lugares deste planeta. O cara é uma figura sustentada em cima de um bicho que já estava morto chamado Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), que agora retoma a vida em nome desta redefinição da correlação de forças que envolve a presença da China, principalmente a China, pois o problema não é a Rússia, o problema neste momento é a China.

Não sei exatamente se consegui responder, pois a pergunta exigira de nós ficarmos aqui muitas e muitas horas. São muitas as variáveis que estão em jogo. Quando pensamos na direita na Espanha, você tem um ponto de partida o fato de que isto aqui é o berço da Opus Deis. Você precisa ter isso como ponto de partida. A Espanha é um país católico e o catolicismo na Europa, o catolicismo na Espanha é o catolicismo mais perverso da história do catolicismo. Não é o catolicismo da América Latina. Aqui é a extrema direita que é a formadora da cultura local. Se você participar aqui da Semana Santa, de coisas deste gênero, você pergunta de onde sai tudo isso, tanta gente, é um espetáculo público, uma coisa impressionante. Então, acho que nós precisamos entender que a direita aqui tem sustentação, mas dificilmente ela retoma, porque colocaria a Espanha numa situação bastante complicada, como na Polônia, por exemplo, onde a direita assumiu a Polônia de uma forma importante, mas, a Polônia vive o seu isolamento dentro da União Europeia. Para a Polônia conseguir um milhão de euros ou qualquer coisa, para investir em qualquer coisa, enquanto não prometerem de pé juntos que vão mudar a inserção deles dentro do sistema judiciário, como disse há um ou dois três anos o presidente da União Europeia, “o problema da Polônia não é o fato de ser um Estado de direitos; é que no Estado de direito a população precisa ter direitos”, não é uma questão jurídica. Então quando se pensa isso do ponto de vista da gestão da União Europeia você percebe que para a extrema direita assumir aqui não é uma coisa simples, não é uma coisa resolvida, é diferente do Brasil.

Excelente, Professor Douglas. Acredito que é isso, foram uma hora e vinte e três minutos de uma entrevista de muitos elementos para pensarmos o Brasil, pensar a Espanha, pensar o mundo, pensar a Geografia. Então, paramos por aqui, queremos agradecer mais uma vez. Sempre muito bom rever você.

**Adão Francisco.** Queremos agradecê-lo em nome da ANPEGE. Na verdade, assumimos a ANPEGE com alguns desafios, um deles é manter a periodicidade, a pluralidade de temas e conteúdos na Revista da ANPEGE como um espaço de articulação do pensamento e dessa expressão do discurso geográfico que você bem nos apresentou aqui. Esse exercício que fizemos nesta tarde contigo foi muito valioso, pois você para nós enquanto pesquisadores e professores que somos, você é referência.

---

**Douglas Santos.** Agradeço imensamente por terem me convidado para esta tarefa. Agradeço por tê-los recebido em minha casa. Eu acho que a frase é bem mexicana, essa coisa de “mi casa, tu casa”, mas de qualquer maneira essa é uma casa nossa, estamos na nossa casa e espero que de alguma maneira eu tenha ajudado esses planos todos que são bastante difíceis e, bom, me coloco aqui a disposição, como sempre, vocês sabem disse. Cada vez que vocês me chamam estou sempre presente!